

ATIVIDADES SEXUAIS E USO DO PRESERVATIVO POR ESCOLARES ADOLESCENTES

Sueli Maria dos Reis Santos

Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
sueli.santos@ufff.edu.br

Maria Cristina Pinto de Jesus

Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
mariacristina.jesus@ufff.edu.br

Carina Maximo da Rocha

Estudante, Bolsista de Iniciação Científica, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
carinamaximodarocha@yahoo.com.br

Thays Silva Marcelo

Estudante, Bolsista de Iniciação Científica, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
thays_sm@hotmail.com

Edvania Oliveira Martins

Estudante, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
edvania_tat@yahoo.com.br

Fernanda Silva Linhares

Estudante, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Thayrine Silva Marcelo

Estudante, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
thayrine.ufff@gmail.com

Resumo

Objetivou-se verificar o uso do preservativo nas atividades sexuais de adolescentes de escolas públicas e privadas de um município da Zona da Mata de Minas Gerais, Brasil. Pesquisa com abordagem quantitativa de caráter exploratório-descritivo realizada em 2012, com 269 participantes, utilizando-se de um questionário autoaplicado. Os resultados mostram que a maior parte é do sexo feminino (88%). Quanto à idade, 73% estão na faixa de 13 a 18 anos e 58% cursavam o ensino fundamental. Referiram ter informações a respeito dos métodos preventivos



de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis 80%. A ocorrência da primeira relação sexual aconteceu para 27% dos participantes na faixa etária de 13 a 15 anos. O método contraceptivo usado com maior frequência foi a camisinha masculina (58% dos meninos da escola privada e 84% dos que estudam em escola pública). Um percentual reduzido de adolescentes referiu associar o uso da camisinha com a pílula anticoncepcional. Evidencia-se que foi considerável a quantidade de adolescentes que não utilizaram o preservativo na primeira relação (30%) e daqueles em atividade sexual que não recorreram ao serviço de saúde para buscar informações preventivas (75%). Este contexto motiva os profissionais de saúde a sensibilizarem os adolescentes para considerarem o serviço de saúde e seus profissionais como suporte ao desenvolvimento de competências que os tornem capazes de tomar decisões e resolver os problemas relativos aos relacionamentos sexuais, adotando métodos seguros em relação à prevenção de gravidez e DSTs, exercendo a vigilância da saúde.

Palavras-chave: Adolescência; Estudantes; Sexualidade; Comportamento sexual.

Abstract

This paper seeks to verify the extent of condom use during sexual activities among teenagers from public and private schools in a city of Zona da Mata, Minas Gerais, Brazil. The exploratory-descriptive quantitative research survey was conducted in 2012, with 269 participants, using a self-answered questionnaire. The results show that the most of the respondents were females (88%), 73% were in the 13 to 18 age group and 58% were enrolled in lower or higher secondary education. 80% of the adolescents reported that they have had information about the preventative methods to avoid pregnancy and sexually transmitted diseases. For 27% of participants the first sexual intercourse took place between the ages of 13 to 15. The most-used contraceptive method was the male condom (58% of boys in private school and 84% of those studying in public school). A small percentage of adolescents reported condom use associated with the pill. It is evident that a considerable amount of adolescents did not use a condom at the first intercourse (30%) and 75% of sexually active respondents did not use the health service to seek prevention information. That situation should motivate health workers to encourage teenagers to consider the health service and its professionals as a support. The services and professionals can help them to develop skills that will enable them to make decisions and solve problems



related to sexual relationships, adopting safe methods in regard to prevention of pregnancy and STDs thereby contributing to health surveillance.

Keywords: Adolescent; Students; Sexuality; Sexual Behavior.

Introdução

A adolescência traz mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais que levam os jovens a adotarem novas práticas e atitudes em busca de autonomia. Isso os torna mais vulneráveis a comportamentos que podem fragilizar sua saúde, como alimentação inadequada, sedentarismo, tabagismo, consumo de álcool e de drogas, além de hábitos sexuais inseguros (Vieira, Aerts, Freddo, Bittencourt, Alex, & Monteiro, 2008; Farias Júnior, Nahas, Barros, Loch, Oliveira, De Bem & Lopes, 2009).

Além de iniciarem a vida sexual cada vez mais cedo, os adolescentes insistem em manter relações sexuais desprotegidas, elevando a frequência da gravidez não planejada e a ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis (DST) (Freitas, & Dias, 2010; Borges, 2007).

O estudo de Bretas, Ohara, Jardim, & Muroya (2009) mostrou que os adolescentes possuem conhecimento sobre o uso do preservativo como meio de prevenção de DST. Contudo é importante considerar que nem sempre esta é uma prática realizada por eles, considerando que a adoção da camisinha – preservativo masculino – depende de fatores como envolvimento afetivo, acesso aos métodos e grau de autonomia alcançada pelo adolescente, conforme salientam Martins, Costa-Paiva, Osis, Sousa, Pinto-Neto e Tadini (2006). Outro fator a ser considerado é a conotação dada ao preservativo de que “a camisinha tira o prazer” que faz parte da cultura dos adolescentes brasileiros (Bretas Ohara, Jardim, & Muroya, 2009).

A prevalência elevada do uso irregular de preservativos entre adolescentes expõe esses jovens a DSTs e à gravidez cada vez mais precoce. Um estudo mostrou que mais de 50% de adolescentes, mesmo tendo participado de práticas educativas, não conheciam os métodos anticoncepcionais existentes. Tal fato revela a vulnerabilidade desses jovens devido à falta de opção para evitar uma gravidez não planejada e DST, segundo Camargo e Botelho (2009).

A motivação para a realização deste estudo centra-se no fato de ser esta clientela uma parcela da população que necessita de intervenções por parte dos profissionais de saúde e de educação no que diz respeito à realização de ações que visam à promoção da saúde, prevenção de agravos e mudanças de comportamento relativas aos hábitos negativos à saúde. A manutenção de tais hábitos na adolescência poderá se estender até a fase adulta, contribuindo para a incidência de comorbidades.

Diante do exposto, as seguintes questões nortearam este estudo: os adolescentes utilizam o preservativo nas atividades sexuais? Há diferença quanto à utilização do preservativo por adolescentes de escolas públicas ou privadas? Este estudo teve como objetivo verificar o uso do preservativo nas atividades sexuais de adolescentes de escolas públicas e privadas de um município da Zona da Mata de Minas Gerais. Os resultados obtidos poderão ser utilizados para estabelecer estratégias preventivas nessa fase da vida, na lógica da prevenção e controle dos fatores de risco à saúde do adolescente, fortalecendo ações intersetoriais entre a área de saúde e a de educação.

Método

Trata-se de uma pesquisa com abordagem quantitativa de caráter exploratório-descritivo. Este tipo de estudo visa descrever as características de determinada população ou fatos de uma realidade. Além de descrever, registra e interpreta a natureza atual ou processos dos fenômenos estudados, conforme os pressupostos de Gil (2010). A pesquisa foi realizada em 2012, em escolas públicas e privadas que oferecem ensino fundamental e médio de um município da Zona da Mata de Minas Gerais.

Para escolher as instituições participantes do estudo, foi realizado um censo para verificar o quantitativo de escolas que oferecessem ensino fundamental e médio. Constatou-se que havia 33 escolas públicas e 16 privadas. De modo aleatório foram escolhidos 10% do quantitativo dos dois tipos de escola. Assim, incluíram-se na pesquisa três escolas públicas e duas privadas.

A amostra (269) foi obtida de um universo de 1.400 estudantes, com idades entre 10 e 19 anos, segundo a *World Health Organization* (1997), regularmente matriculados nas escolas, nos turnos matutino e vespertino, do 5º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.



Foram incluídos no estudo estudantes na faixa etária de 10 a 18 anos de cada série do ensino fundamental e médio, cujos pais/responsáveis autorizaram a participação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No recorte realizado para este estudo, participaram 69 escolares adolescentes que já haviam iniciado a atividade sexual. Estes responderam às perguntas de um questionário autoaplicado em sala de aula e de forma anônima. Os questionamentos envolviam as características individuais dos participantes e 15 questões sobre temas relativos à experiência sexual, conhecimento e atitudes em relação ao preservativo, prevenção de DST e fonte de informação sobre métodos contraceptivos e DST.

Antes de aplicar o questionário, foi agendado o horário para conversar com os adolescentes, entregue o TCLE e solicitada a devolução do mesmo assinado pelos pais/responsáveis no dia seguinte. O tempo médio de resposta às questões do questionário foi de 30 minutos. Os dados foram organizados em planilha eletrônica *Microsoft Office Excel* e analisados utilizando estatística com frequência simples e percentual.

A questão da ética na pesquisa foi rigorosamente observada, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob o Parecer nº 295/2011.

Resultados

Para verificar o uso do preservativo nas atividades sexuais, foram consultados 269 adolescentes, sendo 92 oriundos de escolas privadas e 177 de escolas públicas. A maior parte deles era do sexo feminino (88%). Quanto à idade, 73% estavam na faixa etária entre 13 e 18 anos e 58% cursavam o ensino fundamental.

No que se refere ao conhecimento geral dos adolescentes sobre os métodos contraceptivos, verificou-se que 215 (80%) dos respondentes (masculino e feminino) referiram ter informações a respeito desses métodos.

Quando questionados quanto a já terem tido ou não a primeira relação sexual, responderam afirmativamente 69 (27%) participantes, independentemente do tipo de escola, pública ou privada. Ressalta-se que a maior parte das adolescentes referiu a não ocorrência da primeira experiência sexual (71% entre as alunas de escola pública e 85% das de escola privada) (Tabela 1).



Com relação à idade quando da primeira relação sexual, considerando os 69 adolescentes que já iniciaram a atividade sexual, destaca-se que 41 (59%) se encontravam na faixa etária entre 13 e 15 anos, independentemente do tipo de escola e do gênero.

Tabela 1: Ocorrência da primeira relação sexual de escolares adolescentes. Juiz de Fora, 2012

Escola	Gênero				Total
		Sim	Não	Sem Resposta	
Privada	Masculino	12 (20%)	43 (73%)	4 (7%)	59
	Feminino	0	28 (85%)	5(15%)	33
Pública	Masculino	31 (47%)	28 (42%)	7 (11%)	66
	Feminino	26 (24%)	79 (71%)	6 (5%)	111
Total		69 (26%)	178 (66%)	22(8%)	269

A maior parte dos adolescentes que já tem vida sexual ativa não recorreu ao serviço de saúde para buscar informações preventivas (Tabela 2).

Tabela 2: Busca do serviço de saúde para obtenção de orientações preventivas. Juiz de Fora, 2012

Escola	Gênero	Sim	Não	Total
Privada	Masculino	1(8%)	11(92%)	12 (17%)
	Feminino	0	0	0
Pública	Masculino	4(13%)	27(87%)	31(45%)
	Feminino	12(46%)	14(54%)	26 (38%)
Total		17(25%)	52(75%)	69 (100%)

Quanto ao método contraceptivo usado com maior frequência, a camisinha foi citada por 58% dos adolescentes do gênero masculino da escola privada e por 84% dos que estudam em escola pública. Um percentual reduzido de adolescentes referiu associar o uso da camisinha com a pílula anticoncepcional (Tabela 3).

**Tabela 3:** Método contraceptivo de escolha por escolares adolescentes. Juiz de Fora, 2012

Escola	Gênero	Camisinha	Coito interrompido	Pílula contraceptiva	Pílula dia seguinte	Nenhum método	Camisinha e pílula	Total
Privada	Masculino	7 (58%)	0	2 (17%)	1 (8%)	2 (17%)	0	12(17%)
	Feminino	0	0	0	0	0	0	0
Pública	Masculino	26 (84%)	0	1 (3%)	1 (3%)	3 (10%)	0	31(45%)
	Feminino	12 (43%)	3 (11%)	4 (15%)	1 (4%)	3 (11%)	3 (11%)	26(38%)
Total		45 (65%)	3 (4,3%)	7 (10,1%)	3 (4,3%)	8 (12%)	3 (4,3%)	69(100%)

Sobre o uso da camisinha na primeira relação, independentemente do gênero e do tipo de escola, a resposta dos adolescentes foi positiva em 67% dos homens na escola privada e 77% das mulheres na escola pública. Evidencia-se que foi elevado o percentual de adolescentes que não utilizaram o preservativo na primeira relação (30%).

Grande parte referiu usar a camisinha sempre, especialmente os adolescentes do gênero masculino (50% na escola privada e 59% na escola pública). Nenhuma das meninas de escolas privadas havia iniciado a vida sexual (**Tabela 4**).

Tabela 4: Frequência do uso da camisinha nas relações sexuais entre adolescentes. Juiz de Fora, 2012

Escola	Gênero	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Sem Resposta	Total
Privada	Masculino	6 (50%)	3 (25%)	2 (17%)	1 (8%)	0	12(17%)
	Feminino	0	0	0	0	0	0
Pública	Masculino	17 (59%)	11 (38%)	0	0	3 (9,6%)	31(45%)
	Feminino	15 (58%)	4 (16%)	5 (20%)	1 (4%)	1 (4%)	26(38%)
Total		38 (55%)	18 (26%)	7 (10%)	2 (3%)	4 (6%)	69(100%)

Percentuais acima de 60% mostram que a maior parte dos adolescentes referiu nunca ter dificuldade para usar a camisinha. Esta questão não foi respondida pelas meninas que estudam na escola privada, pois ainda não iniciaram atividade sexual (Tabela 5).

Discussão

Constatou-se, neste estudo, que os adolescentes têm conhecimento sobre métodos contraceptivos, especialmente sobre o uso da camisinha. A maior parte deles tem informação e utiliza o preservativo como método contraceptivo e prevenção de DST. O estudo de Bretas e colaboradores (2009) também mostrou que os adolescentes usavam o preservativo nas relações sexuais e considerou que este fato demonstra conhecimento desta prática como método preventivo. Contudo, na pesquisa de Cruzeiro, Mattos, Silva, Pinheiro, Rocha e Horta (2010), observou-se que 21% das adolescentes usavam preservativo ocasionalmente, contribuindo para a exposição à gravidez não planejada e o risco de contrair DST. Ferreira e Torgal (2011) discutiram os riscos que os adolescentes correm ao ter uma relação sexual sem usar o preservativo. Consideraram preocupante o percentual de 10,9% dos participantes que não utilizaram nenhum método contraceptivo na primeira relação sexual, já que este é um comportamento sexual de risco que constitui uma ameaça à saúde física e social dos adolescentes.

Tabela 5: Dificuldade para o uso da camisinha por escolares adolescentes. Juiz de Fora, 2012

Escola	Gênero	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Total
Privada	Masculino	1 (8%)	3 (25,0%)	0	8 (67,0%)	12(17%)
	Feminino	0	0	0	0	0
Pública	Masculino	0	3 (9,6%)	8 (25,8%)	20 (64,6%)	31(45%)
	Feminino	0	3 (11,5%)	3 (11,5%)	20 (77,0%)	26(38%)
Total		1 (1,5%)	9 (13,0%)	11(16,0%)	48(69,5%)	69(100%)

Apesar de os adolescentes terem um conhecimento internalizado em relação às atividades sexuais e aos riscos de contrair DST, a adoção de medidas contraceptivas e de proteção, muitas vezes, não acontece, apontando um desajuste entre informação e prática sexual. Além disso, a não utilização do método contraceptivo na primeira relação sexual e a esporadicidade das relações subsequentes pressupõem um uso descontinuado do método, aumentando a vulnerabilidade destes jovens para a gravidez e DST, segundo Alves e Brandão (2009).

Na presente pesquisa, a faixa etária em que ocorreu a primeira relação sexual corresponde aos resultados do estudo realizado por Bretas, Ohara, Jardim, Aguiar Jr e



Oliveira (2011), as idades 13 a 16 anos. Naquela pesquisa, a maior frequência de atividades sexuais foi entre os meninos com 14 anos ou menos. Os autores destacam que a pouca idade dos adolescentes, ao iniciar a vida sexual, pode influenciar a não utilização do preservativo.

Embora a maioria dos adolescentes tenha referido usar o preservativo masculino como método de escolha para a contracepção e a prevenção de doenças, o percentual daqueles que associaram a camisinha ao anticoncepcional oral foi pequeno, demonstrando a vulnerabilidade para a gravidez precoce e agravos à saúde desse grupo populacional. Também o estudo de Ferreira e Torgal (2011) mostrou que apenas 12,1% dos participantes usaram concomitantemente a camisinha e a pílula, associando o preservativo a uma proteção conjunta para DST e gravidez.

No presente estudo, constatou-se um percentual significativo de adolescentes que referiram não usar o preservativo na primeira relação sexual. Este comportamento pode ocorrer devido ao não planejamento dessa atividade e à falta de diálogo prévio com o parceiro.

A ocorrência de gravidez e de DSTs na adolescência mostra a fragilidade da informação sobre saúde reprodutiva e métodos contraceptivos. A timidez do adolescente e a falta de intimidade com o parceiro para negociar o uso de preservativo também são fatores que podem interferir na tomada de decisão pelo jovem. O estudo de Freitas e Dias (2010) mostrou que, em debate grupal, adolescentes manifestaram dúvidas sobre como agir nos relacionamentos e sobre a hora certa da primeira relação sexual, pois se sentem tímidos. Salientam que a falta de intimidade com o parceiro pode interferir na tomada de decisão pelo uso da camisinha.

Alves e Brandão (2009) discutiram o descompasso entre o conhecimento e uso dos métodos contraceptivos, especialmente nas primeiras experiências sexuais. Mesmo estando cientes de que poderiam engravidar, as adolescentes daquele estudo não se protegeram na primeira relação sexual e, nas relações subsequentes, preocupavam-se com a contracepção, esquecendo-se dos riscos para DST/AIDS.

Embora os adolescentes não apontassem dificuldades quanto o uso da camisinha, a maior parte deles, mesmo com vida sexual ativa, não recorreu ao serviço de saúde para buscar informações preventivas. Isso reforça a necessidade de ações de promoção da saúde e prevenção de agravos voltadas a esta parcela da população. O estudo de Brêtas e colaboradores (2011) mostrou que a presença dos jovens nas Unidades de Saúde ainda é tímida, quase inexistente. O constrangimento destes em



expor sua intimidade foi apontado como uma das principais razões para o distanciamento destes em relação aos serviços de saúde.

Também no estudo de Ferreira e Torgal (2011) nenhum dos adolescentes que já havia iniciado a vida sexual tinha ido a uma consulta, visando ao planejamento familiar. Esses autores concluíram que a busca por aconselhamento sobre a atividade sexual não é uma prática comum entre os adolescentes.

A carência de continuidade no uso dos métodos contraceptivos por jovens pode estar ligada aos tipos de relacionamentos entre adolescentes, que são marcados por forte hierarquia de gênero e pela ausência de uma formação adequada sobre sexualidade no contexto familiar e escolar. Além disso, há pouco espaço para o acolhimento dos jovens nos serviços de saúde e escolas, impedindo que as questões sobre sexualidade sejam tratadas de maneira a sensibilizá-los. No entendimento de Alves e Brandão (2009), há também barreiras culturais que dificultam uma abertura maior da sociedade para que o tema seja abordado de maneira menos preconceituosa.

Ainda que os resultados desta pesquisa estejam limitados a um município do Estado de Minas Gerais, estes se constituem em subsídios para o fortalecimento de políticas públicas destinadas aos adolescentes, à medida que contribuem para reflexões acerca da importância da motivação desta parcela da população para adotar atitudes preventivas e buscar a promoção da saúde no que diz respeito às atividades sexuais.

Conclusão

Os resultados deste estudo mostram que, independentemente do tipo de escola que frequentam, grande parte dos adolescentes da faixa etária entre 13 e 15 anos já iniciou a vida sexual. Embora conheçam os métodos contraceptivos e de prevenção de DST, esse conhecimento não se mostra suficiente para a adesão dos adolescentes ao comportamento sexual seguro. Ao mesmo tempo que relatam usar o preservativo nas relações sexuais, não associam o uso deste método com o contraceptivo oral. Tais evidências apontam a necessidade de os profissionais de saúde e educação planejarem e implementarem ações voltadas para apoiar o jovem na articulação do conhecimento com a prática sexual.



Acrescenta-se, ainda, o fato de os escolares adolescentes não procurarem o serviço de saúde para obter orientações e acompanhamento da saúde nesta fase do ciclo vital, o que os coloca em situação de vulnerabilidade. Este contexto motiva os profissionais de saúde a sensibilizar os adolescentes para considerarem o serviço de saúde e seus profissionais como suporte ao desenvolvimento de competências que os tornem capazes de tomar decisões e resolver os problemas relativos aos relacionamentos sexuais, adotando métodos seguros em relação à prevenção de gravidez e DST, exercendo a vigilância da saúde.

Referências Bibliográficas

- Alves, C. A., & Brandão, E. R. (2009). Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 661-670.
- Borges, A. L. V. (2007). Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 41(4), 597-604.
- Brêtas, J. R. S., Ohara, C. V. S., Jardim, D. P., & Muroya, R. L. (2009). Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(3), 551-557.
- Brêtas, J. R. S., Ohara, C. V. S., Jardim, D. P., Aguiar Junior, W., & Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), 3221-3228.
- Camargo, B. V., & Botelho, L. J. (2007). Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Revista de Saúde Pública*, 41(1), 61-68.
- Camargo, Brigido V., & Botelho, Lúcio J. (2007). Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Revista de Saúde Pública*, 41(1), 61-68.
- Cruzeiro, A. L. S., Souza, L. D. M., Silva, R. A., Pinheiro, R. T., Rocha, C. L. A., & Horta, B. L. (2010). Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(Supl. 1), 1149-1158.
- Farias Júnior, J. C., Nahas, M. V., Barros, M. V. G., Loch, M. R., Oliveira, E. S. A., De Bem, M. F. L., Lopes, A. S. (2009). Comportamentos de risco à saúde em adolescentes no Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. *Ver. Panam. Salud Publica*, 25(4), 344-352.



- Ferreira, M. M. S. R. S., & Torgal, M. C. L. F. P. R. (2011). Estilos de vida na adolescência: comportamento sexual dos adolescentes portugueses. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(3), 589-595.
- Freitas, K. R., & Dias, S. M. Z. (2010). Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 19(2), 351-357.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Martins, L. B. M., Costa-Paiva, L. H. S., Osis, M. J. D., Sousa, M. H., Pinto-Neto, A. M., & Tadini, V. (2006). Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(2), 315-323.
- Vieira, P. C., Aerts, D. R. G. C., Freddo, S. L., Bittencourt, A., & Monteiro, L. (2008). Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(11), 2487-2498.
- World Health Organization (WHO) (1997). *Family and reproductive health, women's health and development program*. Geneva.